

CUMPRINDO O PROMETIDO: CONTINUANDO A REDUZIR CUSTOS

DESEMPENHO DA VALE NO 2T13

BM&F BOVESPA: VALE3, VALE5
NYSE: VALE, VALE.P
HKEx: 6210, 6230
EURONEXT PARIS: VALE3, VALE5
LATIBEX: XVALO, XVALP

Rio de Janeiro, 07 de agosto de 2013 – A Vale S.A. (Vale) teve um sólido desempenho financeiro no segundo trimestre de 2013 (2T13) em um ambiente de crescimento econômico global abaixo da tendência histórica e de preços de minérios e metais em declínio. A receita operacional foi de R\$ 23,4 bilhões, o lucro operacional, medido pelo EBIT, foi de R\$ 7,5 bilhões, EBITDA de R\$ 10,3 bilhões, e lucro básico de R\$ 6,9 bilhões, R\$ 1,34 por ação.

A produção de cobre, ouro e carvão alcançou o recorde histórico de 91.300 t¹, 63,000 oz e 2,4 Mt, respectivamente, enquanto a produção de níquel se manteve estável em 65.000 t, o seu melhor segundo trimestre desde 2T08. Salobo seguiu com sucesso o processo de *ramp-up* e começou a gerar caixa em junho.

Estamos executando o nosso plano de negócios, o qual oferece os benefícios de uma vasta base de recursos naturais de classe mundial e múltiplas oportunidades de criação de valor para o acionista, sustentado pelo maior foco na disciplina de alocação de capital e gestão de custos, robustez financeira e uma infraestrutura de logística eficiente. Nesse contexto, estamos concluindo projetos importantes de metais básicos, como Salobo II, cobre, executando alguns projetos de *bulk materials* de classe mundial, como Carajás S11D de minério de ferro e Moatize II de carvão, expandindo o nosso sistema logístico - Teluk Rubiah, CLN S11D e o Corredor de Nacala – para apoiar eficientemente nossas operações globais, simultaneamente, estamos realizando o desinvestimento de ativos *non-core* e reduzindo despesas de pesquisa e desenvolvimento (P&D), custos operacionais e gastos corporativos, e mantendo um forte balanço.

Continuamos a entregar o prometido. As iniciativas diversas em curso estão gerando melhorias em série: os custos e despesas totais² caíram R\$ 1,580 bilhão no 2T13 contra 2T12, uma redução acumulada de R\$ 1,920 bilhões no primeiro semestre de 2013 (1S13) contra o 1S12 – devido principalmente pela queda nas despesas com vendas, gerais e administrativas (SG&A) R\$ 1,839 bilhão (48%) e com P&D R\$ 557 milhões (45%)³.

Apoiado pelo corte de custos, o EBITDA permaneceu estável em R\$ 20,7 bilhões no primeiro semestre do ano, aumentando R\$ 1 bilhão ano a ano, apesar da queda de R\$ 346 milhões na receita causada principalmente por preços mais baixos.

Estamos comprometidos em manter nossos esforços para obter uma estrutura de custos consistente com a contínua criação de valor através dos ciclos. Além dos nossos esforços, o desempenho de custo no 2T13 foi obtido com uma taxa de câmbio média BRL/USD de 2,07 no 2T13, destacando assim, potenciais oportunidades para novas economias, uma vez que a taxa de câmbio BRL/USD foi de 2,23 ao final do 2T13.

¹ t: toneladas métricas, oz: onças troy, Mt: milhões de toneladas métricas.

² Líquido de depreciação e perdas na venda de ativos.

³ O valor de pesquisas e desenvolvimento é contábil. Na seção Investimentos deste press release, apresentamos o valor para investimentos em pesquisa e desenvolvimento, registrados de acordo com desembolso financeiro.

www.vale.com
rio@vale.com

Departamento de Relações com Investidores

Roberto Castello Branco
Viktor Moszkowicz
Carla Albano
Andrea Gutman
Christian Perlingiere
Marcelo Bonança
Marcelo Lobato
Marcio Penna
Samantha Pons
Tel: (5521) 3814-4540

As vendas de minério de ferro ficaram um pouco acima do planejado, 61,9 Mt no 2T13 e 117,6 Mt no 1S13, e em linha com 1S12. A receita se manteve em R\$ 12,8 bilhões, e o EBITDA de minerais ferrosos ficou em R\$ 9,6 bilhões, no mesmo nível do 1T13.

Nossa dívida total chegou a US\$ 29,9 bilhões e era de US\$ 30,2 bilhões no final do 1T13, apesar de termos pago US\$ 2,25 bilhões em dividendos e investido US\$ 3,6 bilhões no 2T13, o que contribuiu para mantermos nossa alavancagem financeira em 1,6 vezes o EBITDA dos últimos doze meses, um nível baixo para o atual estágio do ciclo.

A posição de caixa foi fortalecida por importantes avanços na gestão do capital de giro, resultado de uma série de iniciativas para aumentar a eficiência e otimizar a gestão do capital. O número de dias de contas a receber diminuiu para 40,1 no 2T13, contra 50,6 no 1T13. Isso contribuiu para US\$ 1,3 bilhão ao caixa comparado com março de 2013. Nossos estoques também caíram US\$ 378 milhões no 2T13 contra o 1T13.

Atingimos um marco importante em julho com a emissão, pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), da licença ambiental de instalação (LI) para Carajás S11D, projeto de classe mundial de maior qualidade e menor custo da indústria global. Com a combinação de alta qualidade e baixo custo operacional, S11D tem alto potencial de criação de valor para os acionistas, mesmo diante de um cenário de preços baixos de minério de ferro.

Também concluímos diversas obras para aumentar a capacidade ferroviária da Estrada de Ferro Carajás (EFC), uma peça fundamental para a plena operação do projeto Adicional 40 Mtpa.

A licença para a implementação do S11D, o melhor desempenho operacional dos metais básicos, tendo em vista o sucesso do *ramp-up* de Salobo, e o forte desempenho financeiro apoiado por custos e despesas mais baixos claramente posicionam a Vale entre os vencedores da indústria de recursos naturais nos próximos anos.

Os principais destaques do desempenho da Vale no 2T13 foram:

- Receita operacional de R\$ 23,4 bilhões, em linha com o 1T13. O maior volume vendido foi parcialmente compensado por preços menores.
- Lucro operacional, medido pelo EBIT^(a) (lucros antes de juros e impostos), de R\$ 7,5 bilhões, contra R\$ 8,3 bilhões no 1T13.
- Margem operacional de 32,8%, medido pela margem EBIT.
- Lucro básico de R\$ 6,9 bilhões, equivalente a US\$ 1,34 por ação diluído, contra R\$ 6,1 bilhões no 1T13, líquido de efeitos não-caixa e/ou não recorrentes.
- Geração de caixa, medida pelo EBITDA^(b) (lucros antes de juros, impostos, depreciação e amortização) de R\$ 10,3 bilhões no 2T13, contra R\$ 10,4 bilhões no trimestre anterior.
- Capex – excluindo aquisições – no 2T13 foi de US\$ 3,6 bilhões, 9,8% e 16,1% menor do que no 1T13 e 2T12, respectivamente. Despesas com P&D foram reduzidas em US\$ 113 milhões na comparação trimestral e em US\$ 241 milhões em base anual.
- Investimentos em responsabilidade social corporativa alcançaram US\$ 262 milhões, US\$ 214 milhões destinados à proteção e conservação ambiental e US\$ 48 milhões para projetos sociais.
- A primeira parcela US\$ 2,25 bilhões da remuneração mínima aos acionistas em 2013, de US\$ 4,0 bilhões, foi distribuída em 30 de abril de 2013.

- Preservação de um balanço extremamente saudável, com baixa alavancagem, medida pela dívida bruta/LTM EBITDA excluindo itens não recorrentes, igual a 1,6x, longo prazo médio da dívida, 9,9 anos, e baixo custo médio, 4,5% ao ano, em 30 de junho de 2013.

INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS

<i>R\$ milhões</i>	2T13	1T13	2T12	%	%
	(A)	(B)	(C)	(A/C)	(A/B)
Receita operacional	23.373	22.332	25.087	(6,8)	4,7
EBIT ¹	7.509	8.278	8.599	(12,7)	(9,3)
Margem EBIT ¹ (%)	32,8	38,0	35,0		
EBITDA ¹	10.292	10.372	10.097	1,9	(0,8)
Lucro líquido básico	6.886	6.137	8.040	(14,4)	12,2
Lucro líquido básico por ação (R\$)	1,34	1,19	1,58	(15,3)	12,2
Exportações ² (US\$ milhões)	7.515	6.158	7.282	3,2	22,0
Exportações líquidas ² (US\$ milhões)	7.003	5.711	6.601	6,1	22,6

¹ Excluindo efeitos não recorrentes e não-caixa

² Inclui participação na Samarco

<i>R\$ milhões</i>	1S13	1S12	%
	(A)	(B)	(A/B)
Receita operacional	45.705	46.052	(0,8)
EBIT ¹	15.787	15.491	1,9
Margem EBIT ¹ (%)	35,3	34,4	
EBITDA ¹	20.663	19.662	5,1
Lucro líquido básico	13.023	13.923	(6,5)
Lucro líquido básico por ação (R\$)	2,53	2,72	(7,0)
Exportações ² (US\$ milhões)	13.673	13.525	1,1
Exportações líquidas ² (US\$ milhões)	12.714	12.446	2,2

¹ Excluindo efeitos não recorrentes e não-caixa

² Inclui participação na Samarco

Exceto onde indicado de outra forma as informações operacionais e financeiras neste release tem como base nas demonstrações contábeis consolidadas intermediárias da Companhia elaboradas com base nos padrões internacionais de contabilidade ("IFRS"), implantados no Brasil através do Comitê de Pronunciamentos Contábeis ("CPC") e aprovados pela Comissão de Valores Mobiliários ("CVM"). As principais empresas controladas, que são consolidadas nas demonstrações contábeis da Vale são: Companhia Minera Miski Mayo S.A.C, Ferrovia Centro-Atlântica S.A, Ferrovia Norte Sul S.A, Mineração Corumbaense Reunida S.A, PT Vale Indonesia Tbk (anteriormente PT International Nickel Indonesia Tbk), Sociedad Contractual Minera Tres Valles, Vale Australia Pty Ltd., Vale Canada Limited (anteriormente Vale Inco), Vale Fertilizantes S.A., Vale International S.A, Vale Manganês S.A., Vale Mina do Azul S.A., Vale Nouvelle-Caledonie SAS, Vale International Holdings GMBH, Vale Moçambique S.A. and Vale Oman Peletizing Company PTE Ltd e Vale Shipping Holding PTE Ltd.

RECEITA OPERACIONAL

A receita operacional totalizou R\$ 23,373 bilhões, 4,7% acima do 1T13. O aumento em relação ao trimestre anterior deveu-se aos embarques mais elevados no 2T13 em todos os segmentos de negócio (R\$ 2,368 bilhões), composto por maiores volumes de *bulk materials* (R\$ 1,768 bilhões), metais básicos (R\$ 270 milhões), fertilizantes (R\$ 165 milhões) e carga geral (R\$ 165 milhões). Os ganhos foram compensados por preços menores (R\$ 1,503 bilhão), principalmente de *bulk materials* (R\$ 694 milhões), metais básicos (R\$ 368 milhões) e fertilizantes (R\$ 46 milhões).

A participação de *bulk materials* – minério de ferro, pelotas, manganês, ferroligas, carvão metalúrgico e térmico – na receita operacional foi de 71,3%, em linha com 71,8% no 1T13. A participação de metais básicos na receita caiu para 15,0% contra 16,3% no 1T13. Fertilizantes aumentou ligeiramente sua participação para 7,1% de 6,9% no 1T13. Serviços de transporte de carga geral representaram 3,8% da receita total e outros produtos 2,8%.

Os embarques para a Ásia representaram 50,3% da receita total, diminuindo de 51,3% no 1T13. A parcela das Américas continuou subindo para 27,3% de 26,1% no 1T13. Os embarques para Europa representaram 17,7%, ligeiramente abaixo de 18,5% no trimestre anterior. A receita dos embarques para o Oriente Médio foi 3,3% da receita total e o resto do mundo contribuiu com 1,4%.

Considerando as vendas por país, vendas destinadas à China somaram 31,7% da receita total, Brasil 20,1%, Japão 10,6%, Alemanha 7,1%, Estados Unidos 5,3% e Coreia do Sul 3,9%.

COMPOSIÇÃO DA RECEITA OPERACIONAL

R\$ milhões	2T13	%	1T13	%	2T12	%
Bulk materials	16.669	71,3	16.033	71,8	18.779	74,9
Minerais ferrosos	16.143	69,1	15.611	69,9	18.236	72,7
Minério de ferro	12.771	54,6	12.396	55,5	14.000	55,8
Serviços de operação de usinas de pelotização	-	-	-	-	18	0,1
Pelotas	3.090	13,2	2.905	13,0	3.842	15,3
Manganês	108	0,5	127	0,6	123	0,5
Ferroligas	116	0,5	133	0,6	253	1,0
Outros	58	0,2	50	0,2	-	-
Carvão	526	2,3	422	1,9	543	2,2
Carvão térmico	29	0,1	11	-	156	0,6
Carvão metalúrgico	497	2,1	411	1,8	387	1,5
Metais básicos	3.516	15,0	3.647	16,3	3.491	13,9
Níquel	2.036	8,7	2.162	9,7	2.197	8,8
Cobre	1.013	4,3	1.025	4,6	893	3,6
PGMs	209	0,9	250	1,1	225	0,9
Ouro	195	0,8	153	0,7	114	0,5
Prata	22	0,1	21	0,1	31	0,1
Cobalto	41	0,2	36	0,2	31	0,1
Fertilizantes	1.658	7,1	1.535	6,9	1.814	7,2
Potássio	107	0,5	113	0,5	159	0,6
Fosfatados	1.197	5,1	990	4,4	1.239	4,9
Nitrogenados	302	1,3	392	1,8	379	1,5
Outros	52	0,2	40	0,2	37	0,1
Serviços de logística	887	3,8	668	3,0	799	3,2
Ferrovias	721	3,1	556	2,5	573	2,3
Portos	166	0,7	112	0,5	226	0,9
Outros	643	2,8	449	2,0	204	0,8
Total	23.373	100,0	22.332	100,0	25.087	100,0

RECEITA OPERACIONAL POR DESTINO						
<i>R\$ milhões</i>	2T13	%	1T13	%	2T12	%
América do Norte	1.247	5,3	1.261	5,6	1.340	5,3
EUA	743	3,2	632	2,8	801	3,2
Canadá	493	2,1	619	2,8	517	2,1
Outros	10	-	10	-	23	0,1
América do Sul	5.130	21,9	4.569	20,5	4.953	19,7
Brasil	4.708	20,1	4.189	18,8	4.536	18,1
Outros	422	1,8	379	1,7	416	1,7
Ásia	11.766	50,3	11.450	51,3	13.404	53,4
China	7.417	31,7	8.850	39,6	8.644	34,5
Japão	2.485	10,6	994	4,5	2.506	10,0
Coreia do Sul	915	3,9	710	3,2	1.150	4,6
Taiwan	577	2,5	562	2,5	692	2,8
Outros	372	1,6	333	1,5	413	1,6
Europa	4.146	17,7	4.125	18,5	4.585	18,3
Alemanha	1.657	7,1	1.360	6,1	1.452	5,8
França	345	1,5	617	2,8	289	1,2
Reino Unido	518	2,2	399	1,8	447	1,8
Itália	628	2,7	563	2,5	976	3,9
Turquia	100	0,4	125	0,6	242	1,0
Espanha	184	0,8	162	0,7	215	0,9
Holanda	157	0,7	203	0,9	143	0,6
Outros	555	2,4	695	3,1	821	3,3
Oriente Médio	761	3,3	683	3,1	561	2,2
Resto do mundo	324	1,4	245	1,1	244	1,0
Total	23.373	100,0	22.332	100,0	25.087	100,0

CUSTOS E DESPESAS

Custos e despesas tiveram um desempenho de acordo com os nossos planos e iniciativas, com o objetivo de reduzir permanentemente nossa estrutura de custos para permitir a criação de valor para os acionistas através dos ciclos. Este ano, a redução de custos e despesa tem sido uma fonte importante de melhora no nosso desempenho financeiro. No entanto, como temos enfatizado algumas vezes, este é um processo longo e depende de persistência e paciência.

Comparando com o 2T12, os custos e despesas, líquidos de depreciação, mostraram uma redução material no 2T13, com economias de R\$ 1,580 bilhão, ao mesmo tempo em que os custos e despesas no 1S13 foram R\$ 1,920 bilhão abaixo do 1S12. Este desempenho foi alcançado mesmo com os novos impostos estaduais de mineração (TFRM) que impactaram os custos no 2T13 (R\$ 100 milhões), totalizando R\$ 200 milhões no 1S13, contra nenhum impacto no primeiro semestre no ano passado.

Após o ajuste dos efeitos de maiores volumes (R\$ 1,554 bilhão), o custo com produtos vendidos (CPV) caiu R\$ 127 milhões em relação ao 1T13, apresentando queda na maioria dos itens. A volatilidade cambial ajudou a diminuir o CPV em R\$ 11 milhões⁴.

Os custos com materiais – 16,2% do CPV – foram de US\$ 2,089 bilhões, subindo 8,8% em relação ao 1T13. Ajustando para os efeitos de volume e variação cambial, houve uma redução líquida de R\$ 55 milhões, como consequência de menores custos com materiais para as operações de fosfatados, totalizando R\$ 60 milhões devido à mudança no mix de produto.

⁴ A composição do CPV por moeda no 2T13 foi: 54% em reais, 27% em dólares americanos, 14% em dólares canadenses, 3% em dólares australianos e 2% em outras moedas.

O custo de aquisição de produtos de terceiros foi de R\$ 852 milhões – 6,6% do CPV – contra R\$ 569 milhões no 1T13. A compra de minério de ferro aumentou de 1,8 Mt no 1T13 para 2,4 Mt no 2T13.

Compramos 1.600 t de níquel refinado e intermediário contra 1.300 t no 1T13, e adquirimos 6.100 t de cobre contra 7.800 no 1T13. O custo de outros produtos aumentou R\$ 382 milhões no 2T13, incluindo principalmente metais preciosos a serem processados na refinaria de Acton para utilizar capacidade ociosa.

Custos com frete marítimo alcançaram R\$ 1,418 bilhão no 2T13 que - conforme mencionado anteriormente - foram integralmente contabilizados como CPV.

Os custos com frete no 2T13 aumentaram R\$ 213 milhões em relação ao 1T13, devido ao uso de rotas diferentes, com por exemplo, a maior proporção de embarques de Corumbá para a Ásia, e filas mais longas no terminal marítimo de Ponta da Madeira⁵.

Outros custos operacionais atingiram R\$ 1,238 bilhão em linha com os R\$ 1,176 bilhão em 1T13. O TFRM foi R\$ 100 milhões no 2T13, em linha com o 1T13. A CFEM, *royalty* de mineração brasileiro, foi de R\$ 247 milhões, R\$ 37 milhões acima do 1T13.

No 2T13, as despesas com SG&A caíram 44,4% em relação ao 2T12, apresentando uma economia de R\$ 536 milhões. Na comparação com o 1T13, SG&A diminuiu 10,1%, com uma redução de R\$ 75 milhões. Despesas com pesquisa e desenvolvimento (P&D) ⁶ totalizando R\$ 323 milhões, contra R\$ 708 milhões no 2T12 e R\$ 354 milhões no 1T13.

No 2T13, revisamos o conceito de despesas pré-operacionais, de parada e de capacidade ociosa para despesas pré-operacionais e de parada. As despesas pré-operacionais e de parada⁷ aumentaram de R\$ 749 milhões no 1T13 para R\$ 950 milhões no 2T13.

Despesas pré-operacionais foram de R\$ 663 milhões no 2T13, refletindo despesas com VNC (US\$ 347 milhões), Long Harbour (R\$ 89 milhões), S11D (R\$ 58 milhões) e Conceição Itabiritos (R\$ 31 milhões). Quando os projetos entrarem em *ramp-up*, e as receitas cobrirem os custos, as despesas pré-operacionais serão transferidas para o CPV. As despesas pré-operacionais também incluem custos com a gestão de projetos na fase de construção, o que explica o aumento significativo desse tipo de despesa com S11D, por exemplo.

Despesas com paradas alcançaram R\$ 287 milhões no 2T13, devido à suspensão do projeto Rio Colorado (R\$ 157 milhões), à parada das pelotizadoras (R\$ 58 milhões) e Onça Puma (R\$ 72 milhões).

Outras despesas operacionais aumentaram R\$ 300 milhões comparadas ao 1T13, totalizando R\$ 536 milhões no 2T13. Excluindo o efeito não-recorrente da transação de *gold streaming*, outras despesas caíram R\$ 187 milhões no 2T13. A comparação com o 2T12 também é positiva, com uma redução de R\$ 50 milhões a partir dos R\$ 536 milhões.

⁵ Os custos com *demurrage* foram de R\$ 167 milhões no 2T13, contra R\$ 202 milhões no 1T13. Vale notar que o *demurrage* é contabilizado como custo de frete marítimo no caso de navios na modalidade de *time-charter*. Enquanto o *demurrage* é contabilizado como "outros custos" para navios na modalidade de *voyage-charter*.

⁶ O valor das pesquisas e desenvolvimento é contábil. Na seção Investimentos deste *press release*, apresentamos o valor de US\$ 268 milhões para investimentos em pesquisa e desenvolvimento, registrados de acordo com desembolso financeiro no 1T13.

⁷ Incluindo depreciação.

COMPOSIÇÃO DO CPV

<i>R\$ milhões</i>	2T13	%	1T13	%	2T12	%
Serviços contratados	2.027	15,8	1.734	15,2	2.505	19,5
Transportes	629	4,9	497	4,3	632	4,9
Manutenção	346	2,7	327	2,9	417	3,2
Serviços operacionais	211	1,6	266	2,3	546	4,2
Outros	841	6,5	644	5,6	910	7,1
Material	2.089	16,2	1.920	16,8	2.133	16,6
Peças sobressalentes e equipamentos de manutenção	600	4,7	560	4,9	695	5,4
Insumos	945	7,3	895	7,8	1.028	8,0
Pneus e correias transportadoras	116	0,9	268	2,3	107	0,8
Outros	428	3,3	197	1,7	302	2,3
Energia	1.319	10,3	1.241	10,9	1.447	11,3
Óleo combustível e gases	1.012	7,9	923	8,1	1.031	8,0
Energia elétrica	307	2,4	318	2,8	416	3,2
Aquisição de produtos	852	6,6	569	5,0	745	5,8
Pessoal	1.724	13,4	1.574	13,8	1.770	13,8
Frete	1.418	11,0	1.205	10,5	1.178	9,2
Depreciação e exaustão	2.007	15,6	1.857	16,2	1.833	14,3
Centro de serviços compartilhados	192	1,5	163	1,4	150	1,2
Outros	1.238	9,6	1.176	10,3	1.085	8,4
Total	12.865	100,0	11.438	100,0	12.846	100,0

SG&A. P&D E OUTRAS DESPESAS

<i>R\$ milhões</i>	2T13	%	1T13	%	2T12	%
Administrativas total	617	24,7	668	32,0	952	30,3
Pessoal	286	11,5	306	14,7	380	12,1
Serviços	137	5,5	144	6,9	231	7,4
Depreciação	85	3,4	109	5,2	102	3,3
Outros	109	4,4	109	5,2	239	7,6
Vendas	54	2,2	78	3,7	255	8,1
Pesquisa e desenvolvimento	323	12,9	354	17,0	708	22,6
Outros	1.503	60,2	985	47,2	1.223	39,0
Total¹	2.497	100,0	2.085	100,0	3.138	100,0

LUCRO LÍQUIDO

O lucro líquido básico no 2T13 foi de R\$ 6,886 bilhões, equivalente a R\$ 1,34 por ação diluído, contra R\$ 6,137 bilhões no 1T13. O lucro líquido básico é o lucro excluindo os efeitos contábeis não-caixa e/ou não recorrentes que no 2T13 incluíram: (i) marcação a mercado das debêntures participativas (-R\$ 175 milhões), (ii) câmbio e perdas monetárias (- R\$ 4,172 bilhões) e (iii) perdas com *swaps* de moedas (- R\$ 1,707 bilhão).

Com a inclusão das mudanças contábeis, que não afetam nosso resultado financeiro real, mas devem ser aplicadas de acordo com regras gerais de contabilidade do IFRS, nosso lucro líquido foi de R\$ 832 milhões no 2T13⁸.

O resultado financeiro líquido foi - R\$ 7,003 bilhões no 2T13, contra - R\$ 666 milhões no trimestre anterior. A forte apreciação do dólar americano (USD) em relação ao real (BRL) – 10,5% comparando os preços finais do 2T13 e 1T13 – foi a principal razão do impacto negativo nas variações monetárias e cambiais de R\$ 4,172 bilhões⁹.

⁸ Se tivéssemos adotado as regras de contabilização de *hedge* (*hedge accounting*) em IFRS para os passivos denominados em dólares americanos, o lucro líquido em IFRS seria em linha com o lucro líquido básico. Mostraremos de maneira *pro forma* a demonstração de resultado com *hedge accounting* para todos os trimestres, a partir de agora (veja Efeitos da Volatilidade do Câmbio no Desempenho Financeiro da Vale) e uma decisão de adotar o *hedge accounting* de moeda formal sob IFRS, para minimizar a volatilidade dos lucros contábeis, será feita para o ano de 2014.

⁹ Para uma descrição detalhada dos efeitos da variação cambial em nossos resultados, favor consultar a seção “Efeitos da Volatilidade do Câmbio no Desempenho Financeiro da Vale”.

As receitas financeiras totalizaram R\$ 331 milhões, mais que o dobro do trimestre passado R\$ 140 milhões. As despesas financeiras caíram para R\$ 1,115 bilhão de R\$ 1,200 bilhão no trimestre anterior, devido principalmente à redução do efeito negativo não-caixa relacionado à marcação a mercado das debêntures participativas, R\$ 175 milhões no 2T13 comparado R\$ 341 milhões no 1T13.

A marcação a mercado dos derivativos apresentou uma perda não-caixa de R\$ 2,047 bilhões, comparado ao ganho de R\$ 222 milhões no 1T13, com um efeito de caixa positivo de R\$ 146 milhões.

Composição do efeito de derivativos:

- Os *swaps* de moedas e taxas de juros produziram um impacto negativo não-caixa de R\$ 1,707 bilhão, mas um efeito positivo no fluxo de caixa de R\$ 200 milhões.
- As posições com derivativos de níquel produziram um efeito positivo não-caixa de R\$ 3 milhões e impacto positivo no fluxo de caixa de R\$ 3 milhões.
- As transações de derivativos relacionados ao *bunker oil* tiveram um efeito negativo não-caixa de R\$ 237 milhões e um impacto negativo no fluxo de caixa de R\$ 50 milhões.
- Os *warrants* recebidos da Silver Wheaton Corp. (SLW), que fizeram parte da transação de venda de ouro, são marcadas a mercado e produziram um impacto negativo não-caixa de R\$ 98 milhões, sem efeito no fluxo de caixa.¹⁰

O resultado de equivalência patrimonial totalizou R\$ 105 milhões no 2T13, abaixo dos R\$ 341 milhões no 1T13. A redução de R\$ 236 milhões foi principalmente devido à diminuição do resultado do segmento de *bulk materials* (R\$ 169 milhões).

Individualmente, a maior parte da equivalência patrimonial veio da Samarco (R\$ 146 milhões) e da MRS (R\$ 47 milhões). Nossa participação na CSA gerou uma perda de equivalência patrimonial de R\$ 98 milhões no 2T13.

¹⁰ Para mais informações, veja o *press release* "Vale venderá parte do ouro produzido como subproduto em algumas de suas minas de cobre e níquel" divulgado em 5 de fevereiro de 2013, disponível em nosso site, www.vale.com na seção Investidores, Press Releases.

EFEITOS DA VOLATILIDADE DO CÂMBIO NO DESEMPENHO FINANCEIRO DA VALE

Como consequência de diversos fatores, incluindo a volatilidade dos preços dos ativos financeiros influenciada pela expectativa a respeito da mudança na política monetária dos Estados Unidos, o real sofreu uma significativa depreciação no 2T13 contra o USD. A taxa do USD subiu 10,5%, passando de R\$ 2,02 em 1 de abril de 2013, para R\$ 2,23, em 1 de julho de 2013. Se considerarmos apenas a média trimestral, a desvalorização do BRL foi mais moderada, 3,5%: R\$ 2,07 no 2T13 contra R\$ 2,00 no 1T13.

Como previamente explicado, os principais efeitos vêm do fato de que embora reportemos nosso desempenho financeiro em USD, a moeda funcional para fins contábeis da nossa controladora, Vale S.A., é o BRL.

De acordo com esta regra contábil, a depreciação do BRL, assim como de outras moedas, em relação ao USD, produz um efeito contábil não-caixa no lucro antes do imposto de renda, decorrente do impacto sobre o passivo financeiro líquido – dívida denominada em USD menos contas a receber em USD. Esse impacto cambial totalizou R\$ 4,112 bilhões no 2T13, registrado nas demonstrações financeiras dentro de “variações monetárias e cambiais”, reduzindo o nosso lucro antes do imposto de renda.

Um segundo impacto não-caixa se deve aos derivativos usados para minimizar a volatilidade de nosso fluxo de caixa em USD. No 2T13, a marcação a mercado do valor justo dos *swaps* cambiais de BRL e outras moedas para USD causou perda pontual de R\$ 1,707 bilhão, o que reduziu nosso lucro antes do imposto de renda, porém sem nenhum efeito no fluxo de caixa ou mesmo no EBITDA. Nas datas de vencimento dos *swaps* cambiais, tudo o mais constante, teremos um desembolso financeiro menor (em USD equivalentes) para o pagamento de juros e principal de dívida que será compensado por um desembolso maior na liquidação financeira do swap cambial. Consequentemente, o efeito da depreciação da taxa de câmbio, através dos derivativos é neutro no fluxo de caixa.

O último efeito da depreciação do BRL afeta o lucro antes do imposto de renda, o fluxo de caixa operacional, o EBIT e o EBITDA. Este efeito resulta da assimetria entre a composição por moeda de nossa receita e custos dos produtos vendidos. Enquanto a quase totalidade da receita é denominada em USD, 54% do custo dos produtos vendidos foram denominados em BRL e 14% em dólares canadenses (CAD), com apenas uma parte em USD (27%). Caso as taxas de câmbio permaneçam no mesmo nível do final do 2T13, o efeito irá gerar impactos positivos no lucro antes do imposto de renda, fluxo de caixa operacional, EBIT e EBITDA nos trimestres seguintes.

Portanto, nós vemos oportunidades potenciais para mudanças, tendo em vista que a apreciação do USD teve um impacto efetivamente pequeno – uma influência líquida positiva no fluxo de caixa operacional, EBIT e EBITDA de R\$ 337 milhões. Isso ocorre pelo fato de a depreciação da cotação média do BRL/USD (3,5%), relevante para variáveis de fluxo, ter sido inferior à utilizada para variáveis de estoque (10,5%), uma vez que a desvalorização do BRL ocorreu durante junho, o último mês do trimestre.

Além disso, há de se considerar que a depreciação do BRL também gera efeitos positivos no nosso fluxo de caixa através do impacto nos investimentos de capital, cuja maioria é denominada em BRL.

Resumindo, o impacto da depreciação do BRL na receita/custos é um efeito caixa e, caso não seja revertido por uma apreciação, continuará a produzir resultados positivos no fluxo de caixa operacional, EBIT, EBITDA, lucro antes do imposto de renda e investimentos de capital no futuro, enquanto o efeito sobre os derivativos tem impacto neutro e pontual no caixa e o efeito sobre o balanço é não-caixa e pontual. Portanto, a depreciação do BRL gera efeitos positivos no nosso fluxo de caixa, que é a fonte real de criação de valor, embora com efeito contábil oposto no lucro.

Avaliação do *hedge accounting* sobre o IFRS

De forma a minimizar a volatilidade do nosso lucro contábil e permitir que os nossos relatórios financeiros reflitam da melhor maneira o desempenho econômico de nossa Companhia, estamos avaliando para períodos futuros a implementação do programa de *hedge accounting* de acordo com as regras do IFRS (IAS 39), o que permite que nossa receita sirva como um item de *hedge* para fins de *hedge accounting*. A avaliação engloba a segmentação de programas, testes de eficiência e documentação apropriada.

Neste sentido e baseado em nossos estudos preliminares, a adoção deste programa com relação ao nosso passivo financeiro líquido iria reduzir nossa perda com variação cambial em aproximadamente R\$ 4,359 bilhões no 2T13 (e reduzir o ganho com variação cambial em R\$ 539 milhões no 1T13). Além disso, se programas similares fossem adotados para os nossos swaps de moeda do BRL e outras moedas para o USD, usados para hedge de fluxo de caixa, ter-se-ia eliminado a perda de R\$ 1,707 bilhão registrada em Derivativos no 2T13 (e eliminado o ganho de R\$ 229 milhões no 1T13).

Se os programas fossem adotados durante 2013, nosso resultado pro-forma seria conforme detalhado abaixo:

	2T13				1T13			
	Reportado	Hedge Accounting	Swaps de moeda	Pro-forma	Reportado	Hedge Accounting	Swaps de moeda	Pro-forma
<i>R\$ milhões</i>								
Receita operacional líquida	22.871			22.871	21.801			21.801
Custo dos produtos vendidos	(12.865)			(12.865)	(11.438)			(11.438)
Despesas operacionais (líquidas)	(2.497)			(2.497)	(2.085)			(2.085)
Lucro operacional	7.509			7.509	8.277			8.277
Receitas financeiras (despesas), líquidas	(784)			(784)	(1.059)			(1.059)
Variações monetárias e cambiais, líquidas	(4.172)	4.359		187	171	(539)		(368)
Derivativos	(2.047)		1.707	(340)	222		(229)	(7)
Equivalência patrimonial e provisão para perdas	104			104	342			342
Lucro antes do imposto de renda	610			6.676	7.953			7.185
Imposto de renda	153			153	(1.866)			(1.866)
Participações minoritárias	68			68	114			114
Lucro líquido atribuível aos acionistas da Vale	832			6.897	6.201			5.433

LUCRO OPERACIONAL E GERAÇÃO DE CAIXA

O lucro operacional, medido pelo EBIT, foi de R\$ 7,509 bilhões, reduzindo em 9,3% contra 1T13, enquanto a margem EBIT foi de 32,8%, abaixo de 38,0% no trimestre anterior.

A geração de caixa, medida pelo EBITDA, foi de R\$ 10,292 bilhões, abaixo dos R\$ 10,372 bilhões no 1T13. O impacto negativo dos preços mais baixos (R\$ 1,475 bilhão) foi o principal fator para a queda na geração de caixa, uma vez que foi somente parcialmente mitigado pelos efeitos positivos dos maiores volumes (R\$ 1,040 bilhões) e dividendos recebidos de empresas coligadas (R\$ 553 milhões), menores custos (R\$ 45 milhões) e despesas com SG&A (R\$ 250 milhões) e as variações na taxa de câmbio (R\$ 184 milhões).

Antes de despesas com P&D, a participação de *bulk materials* na geração de caixa aumentou para 89,2% de 84,4% no trimestre anterior, enquanto a participação de metais básicos diminuiu para 9,4% de 14,4%. A participação de logística aumentou para 1,2% de -0,2%, enquanto a de fertilizantes foi reduzida para 0,8% de 1,7%.

Reconciliação EBITDA			
R\$ milhões	2T13	1T13	2T12
Consolidado			
Composição do EBITDA			
Lucro líquido	764	6.087	5.187
Resultado financeiro líquido	7.003	666	5.137
Imposto de renda e contribuição social	(153)	1.866	(2.183)
LAJIR (EBIT)	7.614	8.619	8.141
Depreciação, amortização e exaustão	2.229	2.094	2.040
LAJIDA (EBITDA)	9.843	10.713	10.181
Ajustes			
Resultado de participações societárias em joint ventures e coligadas	(104)	(341)	(310)
Dividendos recebidos	553	-	226
LAJIDA ajustado (EBITDA Ajustado)	10.292	10.372	10.097
Dividendos recebidos	(553)	-	(226)
Depreciação, amortização e exaustão	(2.229)	(2.094)	(2.040)
LAJIR ajustado (EBIT ajustado)	7.509	8.278	7.831

INVESTIMENTOS E P&D

A Vale está fortemente comprometida com a disciplina na alocação de capital e na execução de projetos de classe mundial. Além de aprovar e financiar novos projetos apenas com engenharia e *design* avançados, as mudanças em andamento incluem maior foco na gestão da construção e de empreiteiras de forma a minimizar desvios dos planos.

Investimentos – excluindo aquisições – no 1S13 alcançaram US\$ 7,584 bilhões, uma redução de US\$ 380 milhões ao comparar com US\$ 7,964 bilhões investidos no mesmo período de 2012. Investimentos em P&D apresentaram uma queda significativa, 38,9%, contra o primeiro semestre de 2012, devido à decisão em focar em um *pipeline* menor de projetos e mais seletivo, o qual gerará um portfólio de ativos com uma taxa de retorno maior, consistente com o maior foco na disciplina de alocação de capital.

A Vale investiu¹¹ US\$ 3,597 bilhões no 2T13. US\$ 2,340 bilhões foram dedicados à execução de projetos, US\$ 155 milhões para P&D e US\$ 1,102 bilhão para a manutenção das operações existentes. A alocação do capex por segmento no 2T13 foi: US\$ 2,088 bilhões em *bulk materials*, US\$ 830 milhões em metais básicos, US\$ 337 milhões em fertilizantes, US\$ 128 milhões em serviços de logística para carga geral, US\$ 89 milhões em siderurgia, US\$ 55 milhões em energia e US\$ 69 milhões em atividades corporativas e outros segmentos de negócio.

O capex dedicado a projetos concentrou-se nas principais iniciativas, especialmente na expansão das operações integradas de minério de ferro em Carajás – incluindo os projetos Carajás Serra Sul S11D/CLN S11D, Adicional 40 Mtpa, CLN 150 e Serra Leste – com US\$ 701 milhões, Moatize II/Nacala, US\$ 268 milhões, Long Harbour, uma planta integrada de fundição e refino de níquel, US\$ 266 milhões e Itabirito, US\$ 247 milhões.

Há de se considerar que a depreciação do real também gera economias significativas nos investimentos, uma vez que mais da metade desses dispêndios são denominados em BRL. Por exemplo, os gastos em BRL representam cerca de 90% do orçamento do programa S11D, o nosso maior projeto. Tais benefícios ainda não estão refletidos no capex esperado para os projetos aprovados em construção.

Um passo fundamental para o crescimento futuro foi dado em julho, com a obtenção da LI para o projeto S11D. O S11D é o projeto de classe mundial de maior qualidade e menor custo da indústria de minério de ferro, com capacidade nominal de 90 milhões de toneladas métricas por ano de minério de ferro. Está situado sobre um depósito com reservas provadas e prováveis de 4,240 bilhões de toneladas métricas com um teor médio de ferro de

¹¹ De acordo com os princípios de contabilidade IFRS, os gastos com P&D – incluídos neste relatório como parte de investimentos – são levados a resultado e consequentemente afetam o lucro e EBITDA ajustado. Este fato deve ser observado pelos analistas quando realizarem comparações, como por exemplo, entre EBITDA e investimentos, para evitar dupla contagem que possa distorcer os resultados das análises.

66,7% e baixa impureza enquanto que o *cash cost* operacional (mina, usina, ferrovia e porto após *royalties*) é US\$ 15,00 por tonelada métrica (a uma taxa de câmbio de R\$ 2,00/US\$). O S11D tem o *start up* esperado para 2S16 e atingirá capacidade total no ano calendário de 2018.

Com a emissão da LI, o Conselho de Administração da Vale aprovou o CLN S11D, o qual permite a expansão da infraestrutura logística existente no Sistema Norte para suportar os 90 Mtpa de aumento de capacidade que será produzida pelo S11D. O capex total de S11D é de US\$ 19,671 bilhões, tendo como base taxa de câmbio de R\$ 2,00/US\$, e compreende o desenvolvimento da mina e planta de processamento (US\$ 8,089 bilhões) e logística (US\$ 11,582 bilhões).

O CLN S11D aumentará nossa capacidade logística para 230 Mtpa e compreende a construção de um ramal ferroviário, duplicação de seções da ferrovia, terminal ferroviário e investimentos em instalações portuárias *onshore* e *offshore*. O capex de CLN S11D inclui investimentos em logística de US\$ 10,363 bilhões, US\$ 1,036 bilhão em equipamento rodante e US\$ 183 milhões transferidos do CLN 150 para o CLN S11D.

Como exemplo de disciplina de capital, a engenharia detalhada de todo o programa do S11D (S11D e CLN S11D) está quase concluída e os pacotes de equipamentos e serviços estão 23% contratados e 45% a serem contratados com propostas firmes. Como resultado deste avanço, a probabilidade de aumentos do capex acima dos valores orçados foi minimizada e economias com serviços contratados sobre o orçado – as quais já foram alcançadas – tem uma chance maior de serem asseguradas até o final do projeto.

Três projetos importantes de minério de ferro serão concluídos no 2S13: (a) Adicional 40 Mtpa, o qual aumentará a capacidade de processamento de minério de ferro a seco em Carajás em 40 Mtpa; (b) CLN 150, que expande a capacidade EFC em 14 Mt e a do terminal marítimo de Ponta da Madeira em 60 Mtpa; (c) Conceição Itabiritos, que adicionará 12 Mtpa de capacidade, e contribuirá para prolongar a vida útil da mina e melhorar a qualidade do minério extraído. No negócio de níquel, Long Harbour e Totten também entrarão em operação.

No 2T13, os desembolsos com a sustentação de operações existentes de US\$ 1,102 bilhão foram concentrados em minério de ferro e metais básicos. Os investimentos de manutenção em minério de ferro incluíram: (i) substituição e aquisição de novos equipamentos (US\$ 196 milhões); (ii) expansão das barragens de rejeitos (US\$ 58 milhões); (iii) melhoria na infraestrutura (US\$ 32 milhões); (iv) iniciativas para melhorar os padrões atuais de saúde e segurança e proteção ambiental (US\$ 17 milhões). A manutenção de ferrovias e portos que servem às operações de mineração no Brasil alcançou o montante de US\$ 146 milhões.

O capex de manutenção das operações de metais básicos foi majoritariamente dedicado ao conserto do forno #1 de Onça Puma (US\$ 53 milhões), ao projeto *AER* (para redução de emissões atmosféricas) (US\$39 milhões), desenvolvimento de jazidas minerais, aumento das taxas de recuperação e teor das minas de níquel (US\$ 35 milhões), e a projetos relacionados ao aprimoramento dos processos produtivos nas minas de cobre (US\$ 13 milhões).

No 2T13, os investimentos em P&D compreenderam US\$ 50 milhões em exploração mineral, US\$ 101 milhões em estudos conceituais, de pré-viabilidade e de viabilidade de projetos e US\$ 4 milhões para desenvolver novos processos, inovações e adaptações tecnológicas. Investimentos em P&D apresentaram uma redução de 60,9% em relação ao 2T12, e uma queda de 42,2% ao comparar com 1T13, como consequência do nosso esforço contínuo de reduzir investimentos em P&D.

Investimentos em responsabilidade social corporativa alcançaram US\$ 262 milhões nesse trimestre, US\$ 214 milhões destinados à proteção e conservação ambiental e US\$ 48 milhões para projetos sociais.

No 2T13, o Conselho de Administração da Vale aprovou um aumento do capex orçado para o Vargem Grande Itabiritos de US\$ 1,645 bilhão para US\$ 1,910 bilhão. O projeto Vargem Grande Itabiritos tem enfrentado pressões de custo desde o final de 2012, devido ao baixo desempenho das empresas contratadas, envolvidas em dificuldades financeiras, que por fim, levaram à suas substituições.

O aquecimento do mercado de construção civil no Brasil com o *boom* de 2010 forçou a contratação de prestadores de serviço menos reconhecidos, pois a maioria das construtoras de primeira linha já não tinha disponibilidade. Isto mudou e o mercado de serviços de engenharia nos permite agora contratar empresas mais eficientes e financeiramente sólidas, reduzindo os riscos de aumentos no capex.

INVESTIMENTO REALIZADO POR CATEGORIA

<i>US\$ milhões</i>	2T13	%	1T13	%	2T12	%
Crescimento orgânico	2.494	69,3	2.993	75,1	3.260	76,0
Projetos	2.340	65,0	2.725	68,4	2.864	66,8
P&D	155	4,3	268	6,7	396	9,2
Sustentação das operações existentes	1.102	30,7	994	24,9	1.027	24,0
Total	3.597	100,0	3.987	100,0	4.287	100,0

INVESTIMENTO REALIZADO POR ÁREA DE NEGÓCIO

<i>US\$ milhões</i>	2T13	%	1T13	%	2T12	%
Bulk materials	2.088	58,0	2.082	52,2	2.390	55,8
Minerais ferrosos	1.779	49,4	1.869	46,9	2.041	47,6
Carvão	309	8,6	213	5,3	349	8,1
Metais básicos	830	23,1	982	24,6	1.038	24,2
Fertilizantes	337	9,4	382	9,6	516	12,0
Serviços de logística	128	3,6	216	5,4	130	3,0
Energia	55	1,5	107	2,7	71	1,6
Aço	89	2,5	150	3,8	37	0,9
Outros	69	1,9	68	1,7	105	2,4
Total	3.597	100,0	3.987	100,0	4.287	100,0

INVESTIMENTO REALIZADO POR ÁREA DE NEGÓCIO - 2T12

	Projetos		P&D		Manutenção		Total	
	US\$ milhões	%	US\$ milhões	%	US\$ milhões	%	US\$ milhões	%
Bulk materials	1.462	62,5	68	43,8	558	50,6	2.088	58,0
Minerais ferrosos	1.195	51,1	59	37,9	525	47,6	1.779	49,4
Carvão	267	11,4	9	5,9	33	3,0	309	8,6
Metais básicos	451	19,3	48	31,2	331	30,0	830	23,1
Fertilizantes	238	10,2	16	10,6	83	7,5	337	9,4
Serviços de logística	54	2,3	3	1,8	71	6,4	128	3,6
Energia	45	1,9	8	5,5	1	0,1	55	1,5
Aço	89	3,8	-	0,3	-	-	89	2,5
Outros	-	-	11	6,8	59	5,3	69	1,9
Total	2.340	100,0	155	100,0	1.102	100,0	3.597	100,0

✓ **Principais projetos aprovados em construção**

O conjunto dos principais projetos em construção e aprovados pelo Conselho de Administração é detalhado nesta seção. As datas de *start-up* estimadas podem ser revisadas em decorrência de mudanças causadas por diferentes fatores, dentre eles, atrasos com licenciamento ambiental.

Projeto	Data de <i>start-up</i> estimada	Capex realizado US\$ milhões		Investimento esperado US\$ milhões		Status ¹
		2013	Total	2013	Total	
MINÉRIO DE FERRO – MINERAÇÃO E LOGÍSTICA						
Carajás Adicional 40 Mtpa Construção de usina de	2S13	351	2.824	548	3.475	Comissionamento com minério da usina está em andamento.

Projeto	Data de start-up estimada	Capex realizado US\$ milhões		Investimento esperado US\$ milhões		Status ¹
		2013	Total	2013	Total	
processamento a seco, localizada em Carajás, Pará. Capacidade nominal estimada de 40 Mtpa.						Licença de operação esperada para 2S13. 95% de avanço físico.
CLN 150 Mtpa Aumento da capacidade na ferrovia e no porto do Sistema Norte, incluindo a construção do quarto píer do terminal marítimo de Ponta da Madeira, localizado no Maranhão com 60 Mtpa de capacidade. Aumento da capacidade logística nominal da EFC para aproximadamente 130 Mtpa.	1S13 a 2S13	365	3.625	498	3.931	A parte ferroviária do projeto concluída, abrangendo 63 km de duplicação de trilhos e instalações portuárias <i>offshore</i> e <i>onshore</i> . Licença de operação emitida para o porto, onshore e offshore. 98% de avanço físico.
Carajás Serra Sul S11D Desenvolvimento da mina e usina de processamento, localizadas na serra sul de Carajás, Pará. Capacidade nominal estimada de 90 Mtpa.	2S16	368	2.182	658	8.089	Linhas de transmissão e subestação de alta tensão estão em fase final construção. Montagem eletromecânica dos módulos <i>off-site</i> iniciada. Licença de instalação emitida. 45% de avanço físico.
CLN S11D Aumento da capacidade logística do Sistema Norte para apoiar S11D, incluindo a duplicação de aproximadamente 570 km da estrada de ferro, a construção de um ramal ferroviário com 101 km, aquisição de vagões e locomotivas e expansões <i>onshore</i> e <i>offshore</i> no terminal marítimo de Ponta da Madeira Aumento da capacidade logística nominal da EFC para aproximadamente 230 Mtpa.	1S15 a 2S18	220	680	633	11.582	Engenharia civil do ramal ferroviário e porto concluída. Terraplanagem da duplicação da ferrovia iniciada. Licença de instalação emitida. 8% de avanço físico.
Conceição Itabiritos Construção da planta de concentração, localizada no Sistema Sudeste, Minas Gerais. Capacidade nominal adicional estimada de 12 Mtpa. 100% <i>pellet feed</i> , com 67,7% teor de ferro (Fe) e 0,8% sílica.	2S13	146	927	208	1.174	Montagem eletromecânica em fase final. Comissionamento da planta. Licença de operação para a usina esperada 2S13. 97% de avanço físico.
Vargem Grande Itabiritos Construção da nova planta de beneficiamento de minério de ferro, localizada no Sistema Sul,	2S14	152	1.068	518	1.910	Instalação de estruturas metálicas do prédio de peneiramento em andamento. Licença de operação esperada para

Projeto	Data de start-up estimada	Capex realizado		Investimento esperado		Status ¹
		US\$ milhões 2013	Total	US\$ milhões 2013	Total	
Minas Gerais. Capacidade adicional estimada de 10 Mtpa. 100% <i>pellet feed</i> , com 67,8% Fe e 1,2% sílica.						1S14. 79% de avanço físico.
Conceição Itabiritos II Adaptação da planta para processamento de itabiritos de baixo teor da mina Conceição, localizada no Sistema Sudeste, Minas Gerais. Capacidade nominal estimada de 19 Mtpa, sem adição de capacidade. 31,6% <i>sinter feed</i> , com 66,5% de teor de Fe e 3,8% sílica, e 68,4% <i>pellet feed</i> , com 68,8% de teor de Fe e 0,9% sílica.	2S14	89	513	197	1.189	Engenharia civil e montagem de estrutura metálica em curso. A montagem da subestação de britagem foi concluída. Licença de instalação emitida. 67% de avanço físico.
Serra Leste Construção de nova planta de processamento, localizada em Carajás. Capacidade nominal estimada de 6 Mtpa.	2S14	73	365	166	478	Construção em curso das linhas de transmissão e pera ferroviária. Montagens da subestação principal e da estação de tratamento de minério de ferro estão em andamento. Licença de instalação emitida. 67% de avanço físico.
Cauê Itabiritos Adaptação da planta para processamento de itabiritos de baixo teor de Minas do Meio, localizada no Sistema Sudeste, Minas Gerais. Capacidade nominal estimada de 24 Mtpa, com adição líquida de capacidade de 4 Mtpa em 2017. 29% <i>sinter feed</i> , com 65,3% de teor de Fe e 4,4% sílica, e 71% <i>pellet feed</i> , com 67,8% de teor de Fe e 2,8% sílica.	2S15	81	200	206	1.504	Obras de engenharia civil em andamento. Principal equipamento eletromecânico adquirido. Licença prévia e de instalação para a nova britagem primária esperadas para 1S14. 28% de avanço físico.
Teluk Rubiah Construção de terminal marítimo para receber navios de 400.000 dwt e um pátio de estocagem. Localizado em Teluk Rubiah, Malásia. Pátio de estocagem com capacidade de giro de até 30 Mtpa de produtos de minério de ferro.	2S14	236	750	443	1.371	Montagem das máquinas do pátio em andamento. Terraplanagem e obras de engenharia civil do terminal de descarregamento estão em estágio final de conclusão. Berço de importação a ser concluído até dezembro de 2013. Conclusão do berço de exportação foi adiada para 2S14 devido à decisão de modificar o cais para acomodar navios maiores para reduzir os custos de frete. 79% de avanço físico.

Projeto	Data de start-up estimada	Capex realizado US\$ milhões		Investimento esperado US\$ milhões		Status ¹
		2013	Total	2013	Total	
USINAS DE PELOTIZAÇÃO						
Tubarão VIII Oitava usina de pelotização do complexo de Tubarão, Espírito Santo. Capacidade nominal estimada de 7,5 Mtpa.	2S13	87	976	158	1.088	Comissionamento dos equipamentos em andamento. Emissão de licença de operação esperada para 2S13. 95% de avanço físico.
Samarco IV² Construção da quarta usina de pelotização, expansão da mina, mineroduto e infraestrutura do terminal marítimo. A Vale possui uma participação de 50% na Samarco. Capacidade nominal estimada de 8,3 Mtpa, aumentando a capacidade da Samarco para 30,5 Mtpa.	1S14	-	-	-	1.693	Montagem eletromecânica de equipamentos em andamento. Mineroduto e montagem eletromecânica da subestação concluídos. Atividades de comissionamento iniciadas. 90% de avanço físico da usina de pelotização. Orçamento integralmente financiado pela Samarco.
CARVÃO – MINERAÇÃO E LOGÍSTICA						
Moatize II Nova mina e duplicação da CHPP de Moatize, assim como da infraestrutura relacionada. Localizada em Tete, Moçambique. Capacidade nominal estimada de 11 Mtpa (em sua maioria composta de carvão metalúrgico).	2S15	144	600	344	2.068	Terraplanagem e obras de engenharia civil nos pátios de estocagem em curso. Equipamento de manuseio e processamento foi entregue. 39% de avanço físico.
Nacala corredor Infraestrutura de porto e ferrovia conectando o complexo de Moatize ao terminal marítimo de Nacala-à-Velha, localizado em Nacala, Moçambique. Capacidade nominal estimada de 18 Mtpa.	2S14	292	701	1.079	4.444	Terraplanagem, drenagem e obras civis para a seção da ferrovia, no Malauí, em andamento. Cravação de estacas para o píer e terraplanagem do pátio de estocagem em progresso. 22% e 23% de avanço físico na ferrovia e no porto, respectivamente.
COBRE – MINERAÇÃO						
Salobo II Expansão de Salobo, elevação de barragem e aumento da capacidade da mina, localizada em Marabá, Pará. Capacidade nominal adicional estimada de 100.000 tpa de cobre em concentrado.	1S14	114	874	401	1.707	Obras civis e montagem eletromecânica das áreas de britagem, moagem e flotação em andamento. Principais equipamentos eletromecânicos adquiridos. Licença de operação da planta esperada para 1S14. 80% de avanço físico.
NÍQUEL – MINERAÇÃO E REFINO						

Projeto	Data de start-up estimada	Capex realizado US\$ milhões		Investimento esperado US\$ milhões		Status ¹
		2013	Total	2013	Total	
Long Harbour Operação hidrometalúrgica. Localizada em Long Harbour, Newfoundland and Labrador, Canadá. Capacidade nominal de refino estimada de 50.000 tpa de níquel refinado, e cobre e cobalto associados, sem capacidade adicional.	2S13	754	3.910	1.094	4.250	Fase final de montagem eletromecânica e comissionamento das unidades de processo. 94% de avanço físico.
Totten Mina de níquel (sendo reaberta) em Sudbury, Ontário, Canadá. Capacidade nominal estimada de 8.200 tpa.	2S13	86	626	171	759	A primeira área de produção de minério está pronta para a extração. Túnel subterrâneo quase concluído. 90% de avanço físico.
ENERGIA						
Biodiesel Projeto para produzir biodiesel a partir de óleo de palma. Plantação de 80.000 ha. Localizado no Pará, Brasil. Capacidade nominal estimada de 360.000 tpa de biodiesel.	2S15	66	493	75	633	Segunda usina de óleo de palma em desenvolvimento. Construção da usina de biodiesel está em progresso. Licença de instalação para a usina de biodiesel é esperada para 1S14.
SIDERURGIA						
CSP² Desenvolvimento de uma planta de placas de aço em parceria com Dongkuk e Posco, localizada no Ceará. A Vale possui 50% da <i>joint venture</i> . Capacidade nominal estimada de 3,0 Mtpa.	2S15	235	811	439	2.648	Cravação de estacas para a fundação da planta em andamento. 29% de avanço físico.

¹ Com base em junho de 2013.

² Investimento esperado e realizado são relativos à participação da Vale nos projetos.

INDICADORES DE ENDIVIDAMENTO

A dívida total foi de US\$ 29,863 bilhões em 30 de junho de 2013, uma redução de US\$ 328 milhões em relação aos US\$ 30,191 bilhões em 31 de março de 2013.

Nossa posição de caixa¹² em 30 de junho de 2013 foi de US\$ 6,255 bilhões e a dívida líquida alcançou US\$ 23,608 bilhões. A posição de caixa foi reforçada por melhorias no capital de giro que já apresentaram resultados significativos neste trimestre, especialmente as medidas para aumentar a eficiência, através da revisão de processos e contrapartes para reduzir o número de dias de contas a receber. O número de dias de recebíveis foi reduzido para 40,1 no 2T13 contra 50,6 no 1T13. Isto contribuiu para liberar US\$ 1,3 bilhão em comparação com março de 2013. Os estoques também foram reduzidos em US\$ 378 milhões no 2T13, numa comparação com o 1T13.

¹² Inclui caixa e equivalentes de caixa, assim como investimentos de curto prazo de US\$ 368 milhões em 30 de junho de 2013.

Em julho de 2013, contratamos uma linha de crédito rotativo de US\$ 2,0 bilhões, com prazo de cinco anos, junto a um sindicato composto por 16 bancos comerciais globais. Com esta nova linha, o total em linhas de crédito rotativo é de US\$ 5 bilhões, visto que temos uma linha de US\$ 3 bilhões existente, que vencerá em 2016. Este instrumento forma um significativo colchão de liquidez no curto prazo e possibilita maior eficiência da gestão do caixa, sendo consistente com o nosso foco estratégico na minimização do custo do capital.

A alavancagem, medida pela relação dívida total/LTM EBITDA ajustado^(d), excluindo efeitos não recorrentes, permaneceu estável em 1,6x, enquanto a relação dívida total/*enterprise value*^(e) foi de 32,4% em 30 de junho de 2013.

O prazo médio da dívida de 9,9 anos em 30 de junho de 2013 foi em linha com o nosso objetivo de manter um longo prazo médio da dívida para minimizar os riscos financeiros. O custo médio da dívida caiu para 4,54% ao ano, uma redução de 5 pontos-base contra o custo em 31 de março de 2013.

O índice de cobertura de juros, medido pelo indicador LTM EBITDA ajustado excluindo efeitos não recorrentes/LTM pagamento de juros^(f), foi de 13,2x contra 13,7x em 31 de março de 2013.

Considerando as posições de hedge, nossa dívida total em 30 de junho de 2013 era composta de 26% de dívida a taxas de juros flutuantes e 74% a taxas fixas, enquanto 98% era denominada em dólares americanos e o restante, em outras moedas.

INDICADORES DE ENDIVIDAMENTO

US\$ milhões	2T13	1T13	2T12
Dívida bruta	29.863	30.191	25.518
Dívida líquida	23.608	23.582	21.436
Dívida bruta / LTM EBITDA ajustado ¹ (x)	1,6	1,6	0,9
LTM EBITDA ajustado ¹ / LTM pagamento de juros (x)	13,2	13,7	24,8
Dívida bruta / EV (%)	32,4	26,2	20,1

O DESEMPENHO DOS SEGMENTOS DE NEGÓCIOS

Bulk materials

Minerais ferrosos

A Vale produziu 73,2 Mt de minério de ferro no 2T13. Excluindo a produção atribuível à Samarco, a produção de minério de ferro atingiu 70,6 Mt, ou seja, 8,8% acima do 1T13. Considerando o primeiro semestre, a produção ficou 2,7 Mt abaixo do orçado para o período, 138,1 Mt. O orçamento considerou a distribuição da intensidade das chuvas ao longo do ano e a evolução dos planos de lavra em Carajás, enquanto não temos as licenças necessárias para explorar a mina N4WS e outras cavas. Porém, o desempenho operacional foi afetado pela época de chuvas, que se prolongou até maio no norte do Brasil, e pela falta de flexibilidade das cavas mais profundas em períodos chuvosos.

Com a estiagem, continuamos com a meta de produzir o volume orçado para 2013. A produção de minério de ferro em julho foi de 27,9 Mt contra 27,6 Mt em julho de 2012, como resultado do forte desempenho em Carajás, cuja produção cresceu para 10,4 Mt de 9,5 Mt no mesmo mês do ano passado.

As vendas de minério de ferro e pelotas no 1S13 de 137,1 Mt igualaram ao orçado. Os embarques previstos para o 2S13 permanecem em 167,8 Mt.

No 2T13, as vendas de minério de ferro e pelotas alcançaram de 72,123 Mt, ficando 10,8% acima de 65,104 Mt no 1T13. As vendas de minério de ferro foram de 61,921 Mt, 11,2% acima do trimestre passado, enquanto as de pelotas somaram 10,203 Mt, crescendo 8,3% em base trimestral. Os embarques de minério de ferro e pelotas em base CFR atingiram 27,5 Mt no 2T13, representando 38,2% do total de embarques, contra 28,1 Mt no 1T13.

A receita de minério de ferro e pelotas totalizou R\$ 15,861 bilhões – R\$ 12,771 bilhões de minério de ferro e R\$ 3,090 bilhões de pelotas – contra R\$ 12,396 bilhões no 1T13. O efeito do maior volume de vendas, R\$ 1,722 bilhão, compensou quase totalmente a influência da queda do preço.

As nossas vendas de minério de ferro no 2T13 foram precificadas através de três sistemas básicos: (a) 34% de acordo com o preço *spot* após a data da entrega, através de preços provisórios e ajustes na fatura após a entrega; (b) 47% no trimestre corrente, preços *spot* mensais e diários; (c) 19% atrelado à média de três meses com um mês de defasagem (VRP).

A queda do preço médio realizado foi mitigada principalmente pelos maiores preços VRP, refletindo contratos referenciados no 2T13 usando a média de três meses do IODEX 62% Fe entre dezembro e fevereiro de US\$ 145,30, contra US\$ 113,00 no 1T13 (a média de setembro a novembro de 2012). Outros fatores, tais como menor umidade, precificação provisória, efeitos de *carry over*, qualidade e maiores vendas em base FOB, tiveram impactos menores e essencialmente se anularam.¹³

De forma similar ao minério de ferro, a variação do preço de pelotas foi suavizada principalmente pelo efeito da precificação VRP.

Os custos operacionais do minério de ferro continuaram baixos e sob controle. O custo operacional do minério de ferro (mina, planta, ferrovia, porto) após *royalties* foi estimado em R\$ 50 por tonelada métrica¹⁴, em linha com o 1T13. Excluindo produtos adquiridos de terceiros, o custo operacional por tonelada métrica foi próximo de R\$ 46.

Em termos absolutos, os custos do minério de ferro, líquidos de depreciação, foram de R\$ 4,394 bilhões. Após ajustar para os efeitos de maior volume (R\$ 299 milhões) e do câmbio (-R\$ 4 milhões), o CPV aumentou R\$ 184 milhões contra o 1T13. Despesas pré-operacionais para minério de ferro foram de R\$ 156 milhões, refletindo novos projetos que entrarão em operação em breve, como: S11D, Conceição Itabiritos, Adicional 40 Mtpa e CLN 150.

A participação da China nas vendas de minério de ferro e pelotas foi de 43,8% contra 48,2% no 1T13. A participação do Japão aumentou para 12,6%, após o efeito isolado do *carry over* de algumas vendas do 1T13 que havia reduzido a sua participação para 7,2% no primeiro trimestre. A parcela das vendas ao Brasil caiu um pouco, para 11,2% de 13,2% no 1T13, enquanto a Europa aumentou para 19,1% de 18,8% no trimestre anterior.

As expectativas no início do ano de uma forte recuperação da economia chinesa geraram uma mudança no ciclo do aço na China. Uma vez que essas expectativas foram frustradas pelo desempenho real da economia da China, os estoques de aço acumulados no primeiro trimestre alcançaram níveis acima do padrão sazonal, levando a um consumo maior de estoques no segundo trimestre e a uma pressão de queda nos preços de minério de ferro. Como os estoques de minério de ferro nos portos e nas siderúrgicas já estavam baixos, se comparados ao passado, os preços não caíram abaixo de US\$ 110 por tonelada métrica, demonstrando portanto, um comportamento diferente em relação ao ciclo de baixa no ano passado, quando chegaram ao piso de US\$ 88.

Seguindo a diante, a combinação de estoques muito baixos de minério de ferro, a necessidade das siderúrgicas de recompor estoques antes do inverno, sinais de recuperação no número de construções iniciadas de imóveis, e o recente lançamento pelo governo chinês de um programa de renovação de bairros pobres,¹⁵ tudo isso deve compensar o efeito de nova oferta da Austrália no 2S13, contribuindo para manter os preços em torno do nível atual, que é altamente lucrativo para um produtor de baixo custo como a Vale.

A demanda por pelotas de alto-forno aumentou na Europa, enquanto a demanda por pelotas de redução direta continua estável no Oriente Médio, Norte da África e América do Norte.

No 2T13, a produção de manganês demonstrou bom desempenho operacional, com 617.000 t contra 501.000 t no 1T13 e 584.000 t no 2T12. O volume de venda foi de 310.000 t em relação a 417.000 t no 1T13, devido à formação de estoques perto de clientes durante o trimestre. A receita do minério de manganês foi de R\$ 108 milhões no 2T13, inferior a R\$ 127 milhões no primeiro trimestre, devido em maior parte a volumes menores de R\$33 milhões. Preços de venda mais altos adicionaram à receita.

¹³ Dada a utilização de diversas fórmulas de precificação, a relação do nosso preço médio realizado com os índices de preço de minério de ferro não é linear e tende a variar ao longo do tempo. Portanto, comparações às médias dos índices de preço no curto prazo tem um alto potencial de induzir investidores a interpretações errôneas.

¹⁴ Como consta na nota explicativa reportada por segmento nas demonstrações financeiras: US\$ 4,394 bilhões em custos, líquidos de depreciação e amortização, menos US\$ 1,290 bilhão de frete de minério de ferro, sobre vendas de minério de ferro de 61,9 Mt.

¹⁵ Estimado em representar aproximadamente 25% das construções iniciadas de imóveis no 1S13 em termos de metragem.

No 2T13, a produção de ferroligas foi de 41,700 t, ficando 26,3% maior do que no 1T13, devido à recuperação após uma parada para manutenção. Embarques de ferroligas totalizaram 43.000 t, comparado a 48.000 t no 1T13. A receita de ferroligas foi de R\$ 116 milhões, 12,8% abaixo dos R\$ 133 milhões no trimestre passado.

As vendas de minerais ferrosos – minério de ferro, pelotas, manganês e ferroligas – geraram uma receita total de R\$ 16,085 bilhões, em linha com R\$ 15,561 bilhões no 1T13.

A margem EBIT para o segmento de minerais ferrosos foi de 51,8% contra 56,8% no 1T13, devido principalmente aos menores preços de minério de ferro e pelotas, porém compensados parcialmente pela redução de custos e despesas.

O EBITDA para minerais ferrosos foi de R\$ 9,733 bilhões, em linha com R\$ 9,388 bilhões no 1T13. O impacto negativo dos preços mais baixos e maiores custos e despesas (R\$ 850 milhões) foi quase totalmente compensado pelos efeitos positivos de maiores volumes de venda (R\$ 1,675 bilhão), maiores dividendos recebidos de empresas coligadas (R\$ 438 milhões).

BULK MATERIALS: DESEMPENHO DO SEGMENTO DE MINERAIS FERROSOS VOLUME VENDIDO

<i>mil toneladas</i>	2T13	1T13	2T12
Minério de ferro	61.921	55.679	62.978
Pelotas	10.203	9.425	12.277
Total	72.123	65.104	75.255
Manganês	310	417	510
Ferroligas	43	48	99

VENDAS DE MINÉRIO DE FERRO E PELOTAS POR DESTINO

<i>milhões de toneladas</i>	2T13	%	1T13	%	2T12	%
Ásia	46,0	63,7	41,1	63,2	47,2	62,7
China	31,6	43,8	31,4	48,2	32,9	43,7
Japão	9,1	12,6	4,7	7,2	7,2	9,5
Coreia do Sul	3,7	5,1	3,3	5,0	4,8	6,3
Ásia emergente (ex China)	1,6	2,2	1,7	2,6	2,3	3,1
Europa	13,8	19,1	12,2	18,8	14,7	19,6
Alemanha	5,6	7,7	4,3	6,5	5,8	7,8
Reino Unido	1,2	1,7	0,3	0,5	0,5	0,7
França	1,6	2,3	2,5	3,8	1,2	1,6
Itália	2,4	3,3	2,0	3,1	3,5	4,6
Turquia	0,5	0,7	0,5	0,8	1,0	1,4
Espanha	0,6	0,9	0,6	0,9	0,8	1,1
Holanda	0,7	0,9	0,6	0,9	0,4	0,6
Outros	1,2	1,6	1,4	2,2	1,4	1,9
Brasil	8,1	11,2	8,6	13,2	9,2	12,2
EUA	-	-	-	-	0,5	0,6
Oriente Médio	2,0	2,7	1,4	2,2	1,6	2,1
Resto do Mundo	2,3	3,2	1,8	2,7	2,1	2,8
Total	72,1	100,0	65,1	100,0	75,3	100,0

RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO

<i>R\$ milhões</i>	2T13	1T13	2T12
Minério de ferro	12.771	12.396	14.000
Serviços de operação de usinas de pelotização	-	-	18
Pelotas	3.090	2.905	3.842
Manganês	108	127	123
Ferroligas	116	133	253
Outros	58	50	-
Total	16.143	15.611	18.236

INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS

	2T13	1T13	2T12
Margem EBIT ¹ (%)	51,8	56,8	58,4
EBITDA ajustado ¹	9.733	9.388	11.082

¹ Excluindo itens não recorrentes

Carvão

A produção de carvão no 2T13 atingiu um novo recorde histórico, 2,4 Mt, contra 1,8 Mt no 1T13, devido principalmente ao *ramp-up* de Moatize e ao desempenho de Carborough Downs. O *ramp-up* de Moatize I, em Moçambique, está progredindo bem, com produção de 1,3 Mt no 2T13. Porém, o potencial de criação de valor de Moatize continuará restrito pelas capacidades ferroviária e portuária da atual infraestrutura logística (a ferrovia Linha do Sena e o porto de Beira) até que o Corredor de Nacala entre em operação, o que é esperado para o 2S14. Na Austrália, Carborough Downs, nossa mina subterrânea que produz 100% de carvão metalúrgico, alcançou o volume recorde de 670.000 t, continuando a demonstrar alto desempenho após a movimentação do *longwall* no início de janeiro e mais do que compensando problemas em Integra.

Os embarques de carvão totalizaram 1,856 Mt no 2T13, aumentando 23,2% em relação a 1,507 Mt no trimestre anterior. As vendas de carvão metalúrgico atingiram outro nível recorde, 1,720 Mt, em razão dos fatores mencionados acima. As vendas de carvão térmico alcançaram 136.000 t de 60.000 t no 1T13.

Vendas de produtos de carvão geraram receita de R\$ 526 milhões, 24,7% maior do que os R\$ 422 milhões no 1T13, devido principalmente a maiores volumes de venda de carvão metalúrgico e térmico.

A receita do carvão metalúrgico foi 20,9% acima do trimestre passado, atingindo R\$ 497 milhões no 2T13 contra R\$ 411 milhões no 1T13. O aumento deveu-se em boa parte ao maior volume vendido, que foi parcialmente compensado pelo preço médio realizado no 2T13, um pouco menor do que no 1T13. O carvão térmico gerou uma receita de R\$ 29 milhões, aumentando 164,9% em relação ao trimestre passado, R\$ 11 milhões, devido aos maiores volumes de venda.

Os preços de carvão térmico e metalúrgico caíram significativamente quando comparados aos níveis do ano passado, o que pode ser explicado pelo excesso de oferta.

No caso do carvão metalúrgico, foco de nossas operações, os preços estão oscilando a níveis aproximadamente 35% abaixo do que no ano passado. A sobreoferta é causada primariamente por capacidade existente que retornou ao mercado transoceânico e não por nova oferta: a normalização das exportações australianas após as enchentes em Queensland, em 2011, e a recuperação das exportações dos Estados Unidos, subproduto da revolução do *shale gas*. As exportações de alto custo dos Estados Unidos cresceram para se beneficiar dos preços altos resultantes das enchentes em Queensland, mas agora são a principal causa do excesso de oferta.

A demanda chinesa está crescendo firmemente, porém o resto do mundo está estagnado. Assim, a dependência a um mercado, apesar da sua magnitude, está causando pressão de queda nos preços. Consequentemente, no curto prazo, a recuperação dos preços requer o fechamento de operações de alto custo.

No 2T13, os custos do carvão foram de R\$ 531 milhões, líquidos de depreciação, apresentando uma economia de R\$ 115 milhões quando comparados ao 1T13, após ajustar para os efeitos de maiores volumes (R\$ 116 milhões) e variação cambial (US\$ 7 milhões). As despesas com carvão foram de R\$ 139 milhões no 2T13, caindo de R\$ 350 milhões no trimestre anterior.

O EBITDA do segmento de carvão foi negativo R\$ 144 milhões no 2T13 contra negativo R\$ 449 milhões no trimestre passado.

BULK MATERIALS: DESEMPENHO DO SEGMENTO DE CARVÃO VOLUME VENDIDO

mil toneladas	2T13	1T13	2T12
Carvão térmico	136	60	1,107
Carvão metalúrgico	1.720	1.447	1.152

RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO

<i>R\$ milhões</i>	2T13	1T13	2T12
Carvão térmico	29	11	156
Carvão metalúrgico	497	411	387

INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS

	2T13	1T13	2T12
Margem EBIT ¹ (%)	(46,4)	(126,5)	(59,7)
EBITDA ajustado ¹	(136)	(429)	(204)

¹ Excluindo itens não recorrentes

Metais básicos

Níquel teve a sua melhor produção para um segundo trimestre desde 2T08. A produção total de níquel no 2T13 foi de 65.000 t, em linha com 1T13 e 7,0% acima do 2T12. O *ramp-up* de VNC e o desempenho de Sorowako mais que compensaram o efeito das leves quedas de produção em Voisey's Bay e Thompson.

Em termos de produtos vendáveis, a produção de VNC alcançou o nível recorde de 6.600 t de níquel no 2T13, incluindo a produção de nossas refinarias asiáticas, predominantemente em Dalian, na China. Entretanto, o desempenho de VNC foi inferior ao 1T13 – 3.400 t de níquel contido em *nickel hydroxide cake* (NHC) e óxido de níquel (NiO) no 2T13 contra 5.100 t – devido à antecipação da manutenção programada da planta de ácido, inicialmente planejada para agosto de 2013. Em junho, o *ramp-up* de VNC foi retomado como planejado, operando com duas das três autoclaves simultaneamente e com segurança.

O volume de vendas de níquel aumentou de 63.000 t no 1T13 para 65.000 t, enquanto o preço médio de vendas caiu 12,1% em relação ao trimestre anterior. A receita foi de R\$ 2,036 bilhões, 5,8% inferior à de R\$ 2,162 bilhões no 1T13. Apesar de haver uma melhora nos volumes de venda (R\$ 69 milhões), o impacto negativo dos preços de venda mais baixos ocasionou numa receita menor.

Os preços de níquel vêm apresentando uma tendência de baixa desde 2T11 principalmente como consequência de sobreoferta, o que levou a um acúmulo de mais de 100.000 toneladas métricas de estoques nos armazéns da LME nos últimos 18 meses. Os estoques reportados são estimados em representar cerca de nove semanas de consumo.

Nos preços atuais, o que igualmente a outras *commodities* também foram afetados negativamente pelas expectativas a respeito da política monetária dos Estados Unidos, uma parte significativa da capacidade da indústria global é negativa em caixa, uma situação que requer o encerramento de muitas operações. Não houve cortes de produção significativos entre os produtores de alto custo fora da China. Enquanto os produtores de níquel *pig iron* (NPI) de alto custo da China vêm cortando produção, isto vem sendo parcialmente compensado pela entrada de novos produtores *rotary kiln electric furnace* (RKEF) de baixo custo.

A substituição pela produção RKEF está levando a uma mudança estrutural para baixo da curva de custo do NPI, portanto reduzindo os preços de suporte do níquel.

A demanda global de níquel aumentou rapidamente no primeiro semestre deste ano, a um ritmo perto de 6%, principalmente devido ao crescimento da produção chinesa de aço inoxidável, dado que, com exceção do Sudeste da Ásia, outras regiões do mundo estão mostrando uma contração no uso do níquel.

Em adição às reduções de produção das minas de alto custo, uma retomada na demanda das economias desenvolvidas é outro fator potencial para a recuperação dos preços do níquel. No momento, somente no Japão estamos vendo os primeiros sinais de uma melhora na demanda. Esperamos que o crescimento das economias dos países desenvolvidos ganhe maior tração no último trimestre deste ano, gerando um impacto positivo na demanda global de níquel.

A produção de cobre atingiu o recorde de 91.300 t no 2T13. Isto foi possível, principalmente, em razão do *ramp-up* de Salobo I que produziu 15.300 t de cobre em concentrado, aproximadamente 60% de sua capacidade nominal, e 25.000 onças troy (oz) de ouro como subproduto no segundo trimestre.

O volume de vendas aumentou para 77.000 t de 72.000 t no 1T13, sendo o maior nível para um segundo trimestre na história da Vale. A receita de cobre foi R\$ 1,013 bilhão, apresentando uma queda de 1,2% contra 1T13, uma vez

que o impacto negativo da queda do preço médio de vendas foi somente parcialmente mitigado pelo aumento do volume (R\$ 18 milhões).

Os fundamentos de cobre permanecem relativamente bons, se comparados ao dos outros metais básicos. Entretanto, o aumento da produção nas minas, apesar das paradas em algumas operações importantes, e as expectativas negativas com a macroeconomia global levaram os preços de cobre a caírem abaixo dos US\$ 7.000 por tonelada métrica. As preocupações com a demanda global junto com o *ramp-up* de novas minas mudaram a atenção do mercado para o excesso de oferta do mercado de cobre no médio prazo.

A produção de platina foi de 33.000 oz e a de paládium, 81.000 oz, 4,2% e 9,2% abaixo que no 1T13, respectivamente. As vendas de PGMs (*platinum group metals*) reduziram para 115.000 oz de 125.000 oz no trimestre anterior. As receitas totalizaram R\$ 209 milhões versus R\$ 250 milhões no 1T13, como consequência dos preços e volumes menores.

A produção de ouro alcançou um novo recorde de 63.000 oz no 2T13, 9,0% acima que no 1T13, principalmente devido ao aumento da produção de ouro como sub-produto das operações de cobre de Salobo. O volume de vendas melhorou significativamente, alcançando 70.000 oz contra 47.000 oz no 1T13. A receita das vendas de ouro recuperou para R\$ 195 milhões de R\$ 153 milhões no 1T13, devido à contribuição positiva do maior volume de vendas (R\$ 72 milhões), parcialmente mitigado pelos preços realizados mais baixos.

No 2T13, a receita de metais básicos e de seus subprodutos foi de R\$ 3,516 bilhões, 3,6% abaixo do trimestre anterior. A redução se deveu aos preços inferiores, uma vez que os volumes embarcados foram maiores no trimestre.

Os custos dos metais básicos, excluindo depreciação e amortização, foram de R\$ 2,317 bilhões no trimestre. Após ajustar para os efeitos de maiores volumes vendidos (R\$ 251 milhões) e de variação cambial (-R\$ 6 milhões), os custos caíram R\$ 53 milhões contra 1T13.

No 2T13, os metais básicos apresentaram despesas que incluíram uma receita da Vale Canada de R\$ 368 milhões de pagamento de seguro pela companhia de resseguro da Vale relacionado ao incidente no ano passado na planta de ácido em VNC. Enquanto para o negócio de metais básicos isto é contabilizado como uma receita, para a companhia de resseguro da Vale é uma despesa, portanto não afeta o desempenho financeiro consolidado da Vale. As despesas - excluindo o efeito prêmio de seguro - totalizaram R\$ 185 milhões no 2T13.

A margem EBIT para metais básicos foi de -1,8% no 2T13. Após excluir as despesas pré-operacionais de Long Harbour (R\$ 89 milhões), de VNC (R\$ 347 milhões) e as despesas com parada de Onça Puma (R\$ 72 milhões), a margem EBIT alcançou 12,7%.

O EBITDA caiu para R\$ 850 milhões no 2T13, contra R\$ 1,376 bilhão no 1T13. Após excluir as despesas pré-operacionais e de parada, mencionadas à cima, o EBITDA atingiu R\$ 923 milhões. O principal motivo para esta redução foi o impacto da queda dos preços de venda. Salobo apresentou o primeiro mês de EBITDA positivo em junho e deve passar a contribuir significativamente para os resultados, dada à diluição dos custos fixos sobre os volumes maiores.

DESEMPENHO DO SEGMENTO DE METAIS BÁSICOS VOLUME VENDIDO

<i>mil toneladas</i>	2T13	1T13	2T12
Cobre	77	72	61
Níquel	65	63	63
Cobalto	773	805	570
Ouro (onça troy)	70	47	32
Prata (onça troy)	639	408	528
PGMs (onça troy)	115	125	114

RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO

<i>R\$ milhões</i>	2T13	1T13	2T12
Níquel	2.036	2.162	2.197
Cobre	1.013	1.025	893
PGMs	209	250	225
Ouro	195	153	114
Prata	22	21	31
Cobalto	41	36	31
Total	3.516	3.647	3.491

INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS

	2T13	1T13	2T12
Margem EBIT ¹ (%)	(1,8)	12,2	(17,6)
EBITDA ajustado ¹	963	1.494	502

¹ Excluindo itens não recorrentes

Fertilizantes

Nossas vendas são basicamente destinadas ao mercado brasileiro, onde a demanda por fertilizantes é mais concentrada no segundo semestre do ano, o que faz com que a nossa produção seja mais fraca no primeiro semestre do ano.

A produção de potássio foi de 113.000 t no 2T13, inferior ao 5,4% na comparação trimestral e 11,7% abaixo do 2T12, devido à parada não programada para manutenção. A produção de rocha fosfática – que é utilizada como insumo para a produção de fosfatados – foi de 1,896 Mt, em linha com os 1,991 Mt do trimestre anterior apesar de uma parada não programada para manutenção em Bayóvar.

A receita com as vendas de potássio caiu para R\$ 107 milhões de R\$ 113 milhões no 1T13, o volume de vendas apresentou uma ligeira queda para 117.000 t no 2T13 de 120.000 t no 1T13. O preço médio realizado no 2T13 foi 5,8% menor que no 1T13. A redução do preço foi o resultado da demanda mais fraca da China e da Índia que afetou os preços globais.

No 2T13, os embarques de rocha fosfática subiram 20,5%, para 711.000 t de 590.000 t no 1T13. Os embarques de MAP foram de 240.000 t, TSP 199.000 t, SSP 618.000 t e DCP 127.000 t.

As vendas de rocha fosfática atingiram R\$ 1,197 bilhão no 2T13, 20,9% acima trimestre contra trimestre, devido ao aumento do volume de vendas de quase todos os produtos fosfatados (R\$ 266 milhões), parcialmente compensados por menores preços resultado da fraca demanda global.

A receita de nitrogenados foi de R\$ 302 milhões no 2T13, ficando 23,0% abaixo do trimestre passado. A queda na receita foi resultado de menores volumes de vendas em razão a venda da refinaria de Araucária concluída em 1º de junho de 2013. Como consequência, não vamos mais produzir ureia, enquanto que amônia será produzida exclusivamente em Cubatão. As vendas de outros produtos totalizaram R\$ 52 milhões no 2T13.

A receita com as vendas de fertilizantes aumentou para R\$ 1,658 bilhão no 2T13, 8,0% acima dos R\$ 1,535 bilhão no trimestre anterior.

No 2T13, os custos de fertilizantes foram de R\$ 1,222 bilhão, líquido de depreciação, em linha com o 1T13 após excluir os efeitos de maiores volumes (R\$ 48 milhões) e câmbio (R\$ 4 milhões). As despesas com fertilizantes reduziram trimestralmente, de R\$ 99 milhões no 2T13 contra R\$ 138 milhões no trimestre anterior. Despesas pré-operacionais e de parada foram R\$ 173 milhões, devido ao efeito da parada do projeto Rio Colorado, R\$ 145 milhões.

A margem EBIT para fertilizantes foi -9,2% no 2T13, menor que os -5,1% no trimestre anterior, impactado negativamente pelo declínio de preço e despesas associadas à parada do projeto Rio Colorado.

O EBITDA para fertilizantes foi de R\$ 71 milhões no 2T13, comparado com os R\$ 165 milhões no 1T13. Excluindo o efeito da parada do projeto Rio Colorado, o EBITDA gerado pelas operações existentes de fertilizantes foi de R\$ 216 milhões no 2T13, mostrando assim uma melhora contra os R\$ 51 milhões do 1T13 mesmo com preços mais baixos.

DESEMPENHO DO SEGMENTO DE FERTILIZANTES VOLUME VENDIDO

<i>mil toneladas</i>	2T13	1T13	2T12
Potássio	117	120	164
Fosfatados			
MAP	240	298	268
TSP	199	94	239
SSP	618	430	693
DCP	127	100	123
Rocha fosfática	711	590	746
Nitrogenados	229	305	322

RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO

<i>R\$ milhões</i>	2T13	1T13	2T12
Potássio	107	113	159
Fosfatados	1.197	990	1.239
Nitrogenados	302	392	379
Outros	52	40	37
Total	1.658	1.535	1.814

INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS

	2T13	1T13	2T12
Margem EBIT ¹ (%)	(9,2)	(5,1)	4,9
EBITDA ajustado ¹	82	181	354

¹ Excluindo itens não recorrentes

Serviços de logística

A receita de serviços de logística para carga geral, que estão sob as concessões e contratos da VLI¹⁶, totalizaram R\$ 887 milhões, um aumento de 32,8% em relação aos R\$ 668 milhões no 1T13, devido aos maiores preços e volumes transportados.

A receita proveniente do transporte ferroviário de carga geral foi de R\$ 721 milhões, melhor que os R\$ 556 milhões no 1T13, devido aos maiores volumes de grãos transportados com o início da safra.

As ferrovias sob concessão e contratos da VLI com a Vale – Carajás (EFC), Vitória Minas (EFVM), Norte-Sul (FNS) e Centro-Atlântica (FCA) – transportaram 7,793 bilhões tku¹⁷ de carga geral para clientes no 2T13, 18,1% acima dos 6,599 bilhões tku no 1T13.

As principais cargas transportadas por nossas ferrovias no 2T13 foram produtos agrícolas (55,9%), insumos e produtos siderúrgicos (25,7%), materiais de construção e produtos florestais (11,6%), combustíveis (6,3%) e outros (0,4%).

O volume de produtos agrícolas transportados aumentou no 2T13 impulsionado pelo crescimento da quantidade grãos transportados. Produtos da indústria do aço continuaram a enfrentar desafios, devido à fraca demanda do mercado.

Os serviços portuários geraram uma receita de R\$ 166 milhões, 48,2% acima dos R\$ 112 milhões no 1T13. Nossos portos e terminais marítimos movimentaram 6,532 Mt de carga geral, 57,5% maior que os 4,149 Mt no 1T13. A razão

¹⁶ Subsidiária integral da Vale, que consolida o segmento de carga geral.

¹⁷ tku=tonelada por quilômetro útil.

pelo aumento em relação ao último trimestre foi o início do período de safra no 2T13, que foi mais forte para a soja e milho.

No 2T13, os custos com serviços de logística – excluindo depreciação e amortização – foram de R\$ 553 milhões contra R\$ 504 milhões no 1T13. Após o ajuste para efeitos de maiores volumes (R\$ 43 milhões) e preços, os custos caíram em R\$ 74 milhões, principalmente devido a efeitos de menores custos com pessoal de R\$ 54 milhões.

A margem EBIT aumentou para 4,7% no 2T13, comparado ao -18,6% no trimestre anterior.

Os serviços de logística tiveram uma geração de caixa positiva, medida pelo EBITDA, de R\$ 118 milhões contra R\$ 28 milhões negativos no 1T13. As principais razões para a melhora foram à redução do CPV (R\$ 62 milhões) e maiores volumes de vendas (R\$ 165 milhões).

DESEMPENHO DO SEGMENTO DE LOGÍSTICA

SERVIÇOS DE LOGÍSTICA

	2T13	1T13	2T12
Ferrovias (milhões de tku)	7.793	6.599	5.787
Portos (mil toneladas)	6.532	4.148	6.421

RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO

<i>R\$ milhões</i>	2T13	1T13	2T12
Ferrovias	721	556	573
Portos	166	112	226
Total	887	668	799

INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS

	2T13	1T13	2T12
Margem EBIT (%)	4,7	(18,6)	(13,4)
EBITDA ajustado (R\$ milhões)	123	(19)	18

INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS DAS PRINCIPAIS EMPRESAS NÃO CONSOLIDADAS

Indicadores financeiros selecionados das principais empresas não consolidadas estão disponíveis nas demonstrações contábeis trimestrais da Vale, no *website* da Companhia, [www.vale.com/ Investidores/Resultados Trimestrais](http://www.vale.com/Investidores/ResultadosTrimestrais) e Relatórios/Demonstrações Contábeis - Vale

TELECONFERÊNCIA / WEBCAST

No dia 08 de agosto, quinta-feira, serão realizadas duas conferências telefônicas e webcasts. A primeira, em português, ocorrerá às 10:00 horas, horário do Rio de Janeiro. A segunda, em inglês, às 12:00 horas do Rio de Janeiro, às 11:00 horas em Nova Iorque, às 16:00 horas em Londres e 23:00 horas em Hong Kong.

Acesso às conferências telefônicas/webcasts:

Conferência em português:

Participantes que ligam do Brasil: (55 11) 4688-6341

Participantes que ligam dos EUA: (1 855) 281-6021

Participantes que ligam de outros países: (1 786) 924-6977

Código de acesso: VALE

Conferência em inglês:

Participantes que ligam do Brasil: (55 11) 4688-6341

Participantes que ligam dos EUA: (1 866) 262-4553

Participantes que ligam de outros países: (1 412) 317-6029

Código de acesso: VALE

A instrução para participação nesses eventos está disponível no *website* da Vale, www.vale.com/investidores. Uma gravação da teleconferência/ *webcast* estará disponível no *website* da Vale durante o período de 90 dias posteriores ao dia 08 de agosto de 2013.

INFORMAÇÕES CONTÁBEIS

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADO

<i>R\$ milhões</i>	2T13	1T13	2T12
Receita operacional	23.373	22.332	25.087
Impostos	(502)	(531)	(504)
Receita operacional líquida	22.871	21.801	24.583
Custo dos produtos vendidos	(12.865)	(11.438)	(12.846)
Lucro bruto	10.006	10.363	11.738
Margem bruta (%)	43,7%	47,5%	47,7%
Receitas (Despesas) operacionais	(2.497)	(2.085)	(3.906)
Vendas	(54)	(78)	(255)
Administrativas	(617)	(668)	(952)
Pesquisa e desenvolvimento	(323)	(354)	(708)
Outras despesas operacionais, líquidas	(1.502)	(985)	(1.223)
Ganho na venda de ativos	-	-	(768)
Lucro operacional	7.509	8.278	7.831
Resultado de participações societárias	104	341	310
Resultado financeiro líquido	(7.003)	(666)	(5.137)
Lucro antes do Imposto de Renda e Contribuição Social	610	7.953	3.004
IR e contribuição Social	153	(1.866)	2.183
Participações minoritárias	68	114	133
Lucro líquido	832	6.201	5.321
Lucro por ação (R\$)	0,16	1,20	1,04

BALANÇO PATRIMONIAL - CONSOLIDADO

<i>R\$ milhões</i>	30/06/2013	31/03/2013	30/06/2012
Ativo			
Circulante	46.937	46.179	41.206
Realizável a longo prazo	21.126	16.043	10.960
Permanente	214.058	206.563	201.336
Total	282.121	268.785	253.501
Passivo			
Circulante	24.768	22.993	18.404
Exigível a longo prazo	97.472	89.274	74.482
Outros	3.219	3.096	3.115
Patrimônio líquido	156.663	153.422	157.501
Capital social	75.000	75.000	75.000
Reservas	81.180	84.800	79.027
Ajustes de avaliação patrimonial	483	(6.378)	3.474
Total	282.121	268.785	253.501

FLUXO DE CAIXA

R\$ milhões

	2T13	1T13	2T12
Fluxos de caixa provenientes das operações:			
Lucro líquido do período	764	6.087	5.187
Ajustes para reconciliar o lucro líquido do período com recursos provenientes das atividades operacionais:			
Resultado de participações societárias	(104)	(342)	(310)
Resultado na venda de ativos	-	(484)	768
Depreciação, exaustão e amortização	2.229	2.094	2.040
Imposto de renda e contribuição social diferidos	(713)	(330)	(2.183)
Despesas financeiras e variações monetárias e cambiais líquidas	1.389	(155)	862
Baixa na alienação de bens do imobilizado	123	155	360
Perdas líquidas não realizadas com derivativos	2.193	(25)	1.258
Debêntures	170	336	(542)
Outros	180	(136)	(352)
Redução (aumento) em ativos:			
Contas a receber	2.100	752	342
Estoques	775	(675)	309
Tributos a Recuperar	(249)	25	(760)
Outros	(138)	379	(106)
Aumento (redução) em passivos:			
Fornecedores e empreiteiros	492	(730)	556
Salários e encargos sociais	419	(1.315)	575
Tributos e Contribuições	188	(56)	(203)
Operação de ouro	-	2,899	-
Outros	107	(515)	908
Recursos líquidos provenientes das atividades operacionais	9.924	7.963	8.710
Investimentos a curto prazo	322	(639)	-
Empréstimos e adiantamentos	(183)	49	19
Garantias e depósitos	(37)	(49)	(155)
Adições em investimentos	(219)	(367)	(84)
Adições ao imobilizado	(5.834)	(7.457)	(6.541)
Dividendos/juros sobre capital próprio recebidos	553	-	226
Recursos provenientes da alienação de bens do imobilizado/investimentos	-	190	745
Recursos provenientes da transação de ouro	-	1,161	-
Recursos líquidos utilizados nas atividades de investimento	(5.399)	(7.112)	(5.791)
Empréstimos e financiamentos de curto prazo (captações líquidas)	(101)	(28)	44
Empréstimos e financiamentos de longo prazo	1.087	258	3.430
Instituições financeiras	(211)	(786)	(996)
Dividendos e juros sobre capital próprio pagos a acionistas	(4.453)	-	(5.481)
Dividendos e juros sobre capital próprio pagos a acionistas não controladores	(23)	-	(70)
Transações com acionistas não controladores	-	-	(848)
Recursos líquidos utilizados nas atividades de financiamento	(3.701)	(556)	(3.919)
Aumento (diminuição) de caixa e equivalentes	825	295	(1.000)
Caixa e equivalentes no início do período	12.197	11.918	9.011
Efeito de variações da taxa de câmbio no caixa e equivalentes	105	(15)	107
Caixa e equivalentes no final do período	13.126	12.197	8.118
Juros de curto prazo	(1)	-	-
Juros de longo prazo	(736)	(873)	(695)
Imposto de renda e contribuição social pagos	(778)	(1.640)	(550)
Adições ao imobilizado com capitalização de juros	82	237	149

Esse comunicado pode incluir declarações que apresentem expectativas da Vale sobre eventos ou resultados futuros. Todas as declarações quando baseadas em expectativas futuras, e não em fatos históricos, envolvem vários riscos e incertezas. A Vale não pode garantir que tais declarações venham a ser corretas. Tais riscos e incertezas incluem fatores relacionados a: (a) países onde temos operações, principalmente Brasil e Canadá, (b) economia global, (c) mercado de capitais, (d) negócio de minérios e metais e sua dependência à produção industrial global, que é cíclica por natureza, e (e) elevado grau de competição global nos mercados onde a Vale opera. Para obter informações adicionais sobre fatores que possam originar resultados diferentes daqueles estimados pela Vale, favor consultar os relatórios arquivados na Comissão de Valores Mobiliários – CVM, na Autorité des Marchés Financiers (AMF), na U.S. Securities and Exchange Commission – SEC e no Stock Exchange of Hong Kong Limited, e em particular os fatores discutidos nas seções “Estimativas e projeções” e “Fatores de risco” no Relatório Anual - Form 20F da Vale.